ANO 2.º OVAR, 25 de Setembro de 1921 NUMERO 47

A DEFEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

DIRECTOR — Antonio Valente de Almeida

EDITOR E ADMINISTRADOR — Antonio Ferreira Coelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOÃO DE DEUS, 15

ASSINATURA

Em Ovar (vila), semestre . . . . . 75 cent.
Para fora da vila e continente, semestre 80 »
Possessões port. e países estrang. sem. 7$50 esc.
Avulso . . . . . 10 cent.

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na IMPRENSA PATRIA — Rua Antero do Quental, 36 — OVAR

ANUNCIOS

Primeira publicação, $10 centavos a linha.
Repetições, idem.
Permanentes, contracto especial.

NOTAS DA QUINZENA

Fumo

E' fumo, na verdade, os famosos 50 milhões que a nossa credulidade imaginava os homens do dolar a despejarem-nos nas algibeiras.

Nenhuma necessidade tinham os americanos de nos venderem a praso e em papel aquilo que temos de lhes comprar em metalico e á vista, e, isto assim sendo, e sendo caso virgem finanças e negocios guiarem-se pelos preceitos de Cristo, muito espantoso seria que este negocio não passasse do que foi.

Uma burla e toda a gente o devia vêr — pois todo o mundo acreditou na sua verdade, e como se descobriu lograda vá de transformar o caso numa *boite á surprise* de escandalos. Outro pendor muito nosso e muito de nossa perdileção.

Culpados

O lôgro dos 50 milhões de dolars propositada ou acidentalmente serviu de causa a oscilações cambiais em que uns poderão ter ganho enormes somas — ninguem os contou ou apurou, ainda, mas não falta quem as descrimine já — emquanto outros poderão ter perdido quasi tudo. Investiga a policia no *Deve e Haver* das casas bancarias o que ganharam, maneira, a seu vêr, de sublimada esperteza policial, de graduar-se a parte de responsabilidade criminal na burla.

Apure-se, castigue-se.

Não se esqueça, porem, que jornais portugueses, colossos de informação e de influencia, predispozeram o espirito publico para a crença cega e infantil na infalibilidade do emprestimo; que garantiram a sua existencia certa e incontrastavel.

Porque não se investigará nesses jornais da qualidade de elementos informativos que os levaram a da-lo como certo, e assim contribuirem, poderosamente, para criar o ambiente financeiro que nos levou o cambio ás alturas paradisiacas dos 9: — ou, na falta desses elementos, porque motivos se atirou poeira aos olhos e ao espirito de centenas de milhares de leitores?

Isto não devia ficar omisso no inquerito a fazer, por muito que se corra o risco duma campanha de imprensa, que só com os banqueiros serve ao publico o prato de resistencia deste grande caso... jornalistico.

Apurem-se as culpas dos banqueiros, as dos politicos, as dos homens dos jornais: — e os homens dos jornais para terem autoridade de o exigirem deviam, primeiro que tudo, oferecer-se e prestar-se ao apuro de contas.

Justiça — primeiro com os de casa.

De «luva branca»

O sr. dr. Chaves, que nalguns numeros de «A Patria» quasi se ocupa exclusivamente de nós, numa carta que publica no mesmo semanario de 15 de Setembro começa-a por afirmar que este jornal quasi se ocupa de sua excelencia.

Algo nos temos ocupado do senhor senador, é certo, porque o mesmo sr. o mesmo faz: — a historia do gato que matá o rato, etc. etc. — o que, aliás, não tem a importancia da substancia da carta.

Disse-se na *Defeza* o que é publico e notorio, não do sr. dr. Chaves, mas do membro do Senado da Republica sr. dr. Pedro Chaves. Na sua carta desmente-se o que se disse na *Defeza*, acusando-a de haver faltado á verdade *quatro vezes* — não é nosso o grifo.

Faltamos á verdade *quatro vezes* na noticia a que se refere a carta do sr. Senador Pedro Chaves.

Será assim?

Ver-se ha, e a demora não ha de ser grande.

No final da sua carta o sr. dr. Pedro Chaves garante-nos que vai guardar a sua «luva branca» certo de que lha estregariamos ao estender-nos a mão. Acertada e previdente precaução, não ha duvida, tratando-se dum objecto tão pulcramente branco e imaculado. Faz bem; faz muitissimo bem.

Justiça

Foi ha dias julgado e condenado o sr. Liberato Pinto e está cumprindo a sentença.

O sr. Liberato Pinto foi presidente de ministerio, comandante efectivo da guarda republicana, membro altamente influente dum dos maiores partidos da Republica; isto ha muito pouco tempo ainda, isto ontem.

Quando se julgou era ainda uma das grandes personalidades politicas dos ultimos tempos; podia, como ainda pode, assegurar-se a probabilidade de lhe tornar o poder ás mãos.

Apesar disto tudo foi julgado e condenado.

Não rejubilamos com a condenação do sr. Liberato Pinto mas consola-nos a lição de justiça que se pode extrair do seu julgamento.

Ha justiça na Republica mesmo para os poderosos e grandes de ontem, que mui cedo podem tornar a poderosos e grandes de amanhã, e este singelo e conciso facto prova que no actual regime a justiça ainda leva a toda a parte os seus rigores e as suas sanções.

Praias... Praias...

Queixumes da Figueira da Foz, tristemente contados nos jornais, dizem que aquela praia passa o mez de Setembro deste ano sem banhistas, porque os não ha que se sugeitem aos fabulosos alugueis das casas.

O mesmo quasi sucede em Espinho, na Povoa, em outras joias atlanticas do fresco litoral português.

Muito agradavel o fresco das praias, por certo, mas não chegando para compensar dos suores frios dum chefe de familia, espavorido ante o sol de centos de escudos que querem levar-lhe pelas telhas que cobrem os seus farrapos e as suas aflições ocultas.

Congresso partidario

Anuncia-se para breve a realisação dum congresso extraordinario do Partido Republicano Liberal.

Em boa hora venha se tem de servir para reforma de costumes politicos de que saia forte a obediencia aos preceitos e disposições organicas para não serem mais letra morta, e assim se garantir ao paiz que pode contar com um organismo politico fiel aos seus principios na desordem e anarquia politica em que tudo anda.

E em boa hora, mesmo, venha, se do Congresso tem de sair a desaparição do partido, fragmentado em capelinhas de algumas duzias de oragos, para do seu desaparecimento poderem surgir unidades novas que, dotadas de fé no seu destino, sirvam com prestimo a Patria e a Republica.

Não vivemos em epoca que tolere habilidades e proezas de equilibrismo, e um partido politico ou tem de ser uma organisação de solidariedades cimentadas por um pensamento comum de acção, ou, não o sendo, é pura criação parasitaria que não tem direito a viver.

Tendo muito pouca confiança, ainda temos bastante para esperar que o Partido Republicano Liberal irá buscar ao seu anunciado congresso o contrario do que propalam os que o querem em liquidação para prejuizo... de todos.

Vida humana

De Taine:

— Certamente ha ainda bastante mal pelo mundo. Cada seculo o homem arranca uma pedra e um espinho no caminho de mortificação em que avança, mas o que são uma pedra e um espinho?

Ficam e ficarão sempre mais do que o bastante para o dilacerar e martirisar, e alem disso outros espinhos renascem e outros pedregulhos caem.

O seu bem estar crescente torna crescente a sua sensibilidade; sofre mais por males mais pequenos; o seu corpo gosa mais segurança mas sua alma é mais doente.

Os beneficios da Revolução, os progressos da industria, as descobertas da ciencia deram-nos a egualdade, a vida comoda, as liberdades de opinião, mas deram-nos, tambem, a inveja repassada de odio, o furor do exito egoista, a impaciencia do presente, a necessidade do luxo, a instabilidade governativa, as angustias da duvida e da inquirição.

Um burguez do ano 1850 será mais venturoso que um burgez do ano 1650? Menos oprimido, mais instruido, melhor provido de bem estar, certamente; mais feliz é que não sei.

Uma unica coisa aumentou: — a experiencia e com ela a ciencia, a industria, o poderio:

No resto tanto se ganhou quanto se perdeu, e o mais certo e positivo progresso é a conformação com o destino.

Fabrica de Cortumes
OVAR
Curte toda a qualidade de peles de animais, tais como:
Raposa, coelho, cabra, lontra, texugo, carneiro, vitela, etc.
Compra qualquer quantidade destas e outras peles

Pontos nos ii

Cá na casa dá-se consideração a quem no-la mereceu, mostrando te-la tambem por nós.

Assim tem sido e será sempre.

Não a temos dispensado ao sr. dr. Chaves? A culpa não é nossa. E para que a não houvesse, bastaria apenas isto: que o sr. dr. Chaves se compenetrasse duma vez por todas de que em Ovar é um simples habitante conforme o define o art. I do Codigo Civil, e não um sóba como se julga.

E' desta noção errada, que chega a constituir-se em mania, que derivam os seus injustissimos queixumes.

Tudo daí vem.

Corrija-se e todos nos entenderemos.... no capitulo cortezias do *jornalismo indigena*.

EMPRESTIMOS

Ainda mal a opinião publica se refez do espanto e desencanto que lhe fez o malogro do emprestimo a contrair na America do Norte, e já nas providencias que prepara para nos salvar da hora critica que passa anuncia o sr. Ministro das Finanças o projecto dum emprestimo baseado nos milhões da indemnisação alemã de guerra.

Temos a preocupação do retinir dos milhões, a mania das coisas feitas com grandeza, e como é enorme a extensão do mal que sofremos, cuida-se que só com medidas salvadoras de maior força que o mal dele nos tiraremos sãos e salvos.

Santa ingenuidade, que as lições brutais da experiencia pouco tempo deixam durar!

Não faltam por esse mundo titulos representativos da indemnisação alemã de guerra a colocar, e se é certo que oiro é o que oiro vale não menos certo é que o seu valor, como oiro, está mais na nossa capacidade de juizo, boa administração e desenvolvimento de riqueza, do que na sua propria valia intrinseca.

Todos os paizes aliados teem titulos representativos dos milhões alemães para lançar no mercado mundial do oiro, e como esse mercado tem facilidade de escolha, e os capitais escasseiam em toda a parte, a sua colocação será tanto mais custosa quanto menos garantias de valor tenham os seus possuidores.

E como isto é assim não é dificil conjecturar que não será operação facil, e dificilimamente será operação feliz, a que se obtenha com esses titulos.

Mas não se pode continuar muito tempo como até agora, com *deficits* de centenas de milhares de contos, uma inflação tremenda da divida flutuante, uma depreciação desconforme e contumaz do valor do escudo, dir-se-há.

E' certo, mas o remedio não virá de um emprestimo, sendo constantemente mais improvavel a sua efectivação quanto mais dificil é a nossa crise, o remedio virá, e vem, quando com os nossos proprios meios se procurar conjurar o mal.

Reduzir as despezas publicas tanto quanto humanamente possivel é um desses meios, adaptar o nosso grosseiro sistema tributario ás necessidades da ocasião e aos preceitos da justiça, fazendo concorrerem as diferentes fontes de riqueza quanto poderem, sem lesão de deperecimento, para as exigencias do erario publico, pagando cada um o que deve, é outro.

Fazer taboa rasa do nosso empata burocratico e formalista em muitos e muitos ramos da actividade nacional, que só esperam a eliminação deste parasita para se desenvolverem e criarem trabalho e riqueza, tambem.

Iniciada mas a sério, com competencia e *esprit de suite*, a reforma economica e financeira a que acima nos referimos, a que toda a gente se refere, e que nenhum governo teve ainda a coragem de querer realisar com decisão, não teriamos feito desaparecer o pezo dos encargos contraidos com os erros de ontem e de hoje, teriamos, porêm, tornado facil a realisação dos meios que os podem tornar comportaveis e venciveis

Num ano, em dois anos de sistematica e corajosa politica financeira tendo estes objectivos por fim já se faria muito, já se dava ao nosso credito uma firmeza e uma validade que hoje não teem.

Se o não fizermos tiraremos muito provavelmente da indemnisação alemã o mesmo desencanto que tiramos do negocio Pinder e do negocio William Jefferson ou, girando mais desconfiados e mais afortunados, obteremos em sua troca uns punhados de oiro que será o negocio do prato das lentilhas, tam conhecido da Biblia, com os quais acudiremos á fome e aos destemperos dalguns credores, e deixaremos de pé a raiz do mal, que bracejará de novo aflições novas e apenas novos, que nos levarão, ao termo da politica de fraqueza e de imprevidencia, á ruina.

Não confiemos de emprestimos a salvação do paiz, confiemo-la do espirito colectivo de sacrificio, e da coragem e firmeza dos governos na realisação dos meios de restituir o credito ao estado, tornando-o uma administração inteligente, que não é preciso só uma administração honesta.

REU CONFESSO

A respeito de quem fugiu e de quem ficou em Ovar a quando das tropas monarquicas, o sr. dr. Chaves confessa que não esteve em Aveiro **descançado**... por causa dos cuidados com sua familia e seus haveres.

Estamos nisso de acôrdo. O que não vemos é o que essas anciedades... com o corpo no seguro na terra dos ovos moles e do mexilhão, contribuissem para a defesa da Republica.

ESTA' CERTO

A proposito de umas cartas que *A Defeza* publicou no seu ultimo numero em que se desfaziam umas inqualificaveis invenções que o jornal a «Patria» desta localidade inseriu, dá agora á publicidade esse periodico prosa que convence toda a gente de que o seu autor mordeu desesperadamente o beiço emquanto escrevia aquilo.

Não possuimos procuração para defendermos o sr. dr. Silva, mas temos por certo que este nosso amigo se sorriu ao lêr aquelas rancorosas insidiasinhas.

Sendo o estilo o homem, o autor deve ser o sr. dr. Chaves.

Está certo: já se não faz caso

Maus exemplos

Interveio o sr. dr. Afonso Costa como delegado representante do governo português nas negociações que levaram á assinatura do contracto de emprestimo de 50 milhões de dolars, e encontra-se em Portugal na ocasião, precisamente, em que se constata a falencia das negociações assinadas a que só faltava — dar-se lhes cumprimento.

E' o sr. dr. Afonso Costa membro do parlamento português e era legitimo esperar, era de direito exigir, que ao Parlamento viesse como negociador do contracto dar explicações que amplificassem e precisassem com a minuncia de um relato verbal desenvolvido a sua acção como contratante, por parte do estado, nas negociações.

Não o fez com o desapontamento geral da opinião pública que isto mesmo esperava, e recusando-se a explicações na tribuna parlamentar não se recusou a elas por intermedio da imprensa, falando do contracto em entrevistas, que expressamente visavam a esse fim, concedidas ao «Seculo» e ao «Diario de Noticias». Isto pode ter dado alguma satisfação á opinião pública mas não coloca bem o negociador, porque sem necessidade alguma ele coloca mal a Camara dos Deputados a que pertence, que é a soberania nacional.

Tendo de dar explicações, embora elas em nada alterassem a substancia dos documentos que servem de base á apreciação das suas diligencias, e o proprio dr. Afonso Costa o reconhece dando-as, como deu, só devia dal-as, ou devia dal-as primeiro que tudo, ao Parlamento de que é membro.

Nem o Parlamento nem o país o pretendiam lá como reu depondo o arrazoado da sua defesa, e não era como tal que lá se solicitava a sua presença.

Mas o Parlamento e o país esperavam ouvir da boca do representante do seu governo as explicações que este julgasse uteis ou necessarias, respeitantes á operação e aos contratantes com o estado, explicações que certamente o sr. dr. Afonso Costa está em excepcionaes condições de poder submnistrar, e de que deve estar de posse.

Não o fez e fez mal, porque num assunto que, como este, tam magna importancia tem impõe-se o depoimento de todos que o trataram, e mais mal fez ainda no desdem que manifestou para com a mais alta representação do estado republicano, recusando-lhe o que não recusou a duas empresas jornalisticas.

Foi de quem está tão alto uma escusada e triste prova de indisciplina anarquisante, porque ostensivamente se feriu a disciplina social nas suas raizes.

E são estes os exemplos que veem do alto!

Carro "FORD,,

ESTADO NOVO :: VENDE-SE

Para tratar Serralheria de Martins & Silva

: : : : OVAR : : : :

RIDENDO...

«O regionalismo» é um movimento politico monarquico: desagrega uma nação, indisciplina-a e esfacela-a.»

(«A Patria», artigo de José Antonio de Almeida.)

Nem por muito madrugar
Nos amanhece mais cêdo,
Vem a historia mesmo a dedo
O adagio confirmar.

Da ominosa monarquia
De quem agora mal-diz,
José Antonio Feliz
Consegue boa maquia

Seus ideais eram justos,
Bem francos ideais talassas,
Alé que a onda das desgraças
Os vem meter em apuros

Encolhe-se então e espreita
Que ludo seu rumo tome;
Melhor possivel se ageita
Em estrategia... contra a fome.

Não é carne não é peixe.
Especie de enguis nas ervas,
O seu desejo é que o deixem
Socegado nas... conservas.

E lá se tem conservado
Na paz santa e bem gosada
De quem manda a padralhada
E a monarquia safada
Pr'as ondas do mar colhado

E emquanto tanto bom môço
Anda a tenir ao beato
José Antonio O Pacato
Vai esburgando o seu osso.

JE.

P. S.

Depois de escrito o que aí fica
Esta duvida me aperta:
Não nos dará esta trica
Nova carta? Pela certa?

JE.

TELHADO DE VIDRO

Diz o sr. dr. Chaves que não estivera no almoço dado em Aveiro, ao seu ex-futuro chefe sr. conselheiro João Franco.

Partamos da hipotese de que não esteve, mas se assim foi é porque certamente se esqueceram de o convidar e neste caso essa falta em nada amesquinha a sua passada disposição *talassica*. E já agora permita o actual republicano e mui digno chefe do partido democratico de Ovar, que lhe digamos que não valia apena dar *á casca* com o nosso erro.

O sr. dr. Chaves foi precipitado e injusto em acoimar de *bicho de cosinha* o nosso noticiarista a quem só o cheiro da caldeirada faz mal, quanto mais o degluti-la regada com uma boa pinga, etc., etc., habito que o sr. dr. Chaves lhe atribui.

Injusto e precipitado; quer ver? Tivesse o pobre do noticiarista o estomago e o banduilho do sr. senador, e então ele ali até em qualquer Corgo da Ribeira, improvisado em horta saloia, rodeado de uma boa súcia, atirar-se-ia ás boas comesainas.

Ai, pai da vida, que taina de arromba! Como o pobresinho tirara a barriga de miserias!

E ele era, sr. dr. Chaves, uma coxa do testadinho cabrito; e ele era, a fatia do bom leitão, daquele leitãosinho lourejante e lardeado de boa azeitona que vem para a banca de cortiça a dizer: comei-me, comei-me, e capaz de fazer jus ao tonel... das Danaides; ele era, etc. E no fim uma partidinha de aros a copos do do Corgo, com aqueles companheiros de uma cana que nós sabemos. Não acha, sr. dr. Chaves, que seriam horas magnificamente passadas?

Mas o pobre do noticiarista não tem... esse bojo!

Ai não, brinca!

A novidade fresca que o sr. dr. Chaves, epistolografo, acaba de dar-nos na «Patria», é que *A Defeza* se ocupa exclusivamente dele!!! Talvez quizesse que nos ocupassemos do pacifico cidadão Augusto de Sousa Campos!

Está com somno.

Escrevendo sempre de capuz era lhe na verdade comodo atirar a responsabilidade para cima dos outros, hein?

Continue, porque assim não ha confusões, pondo-o a descoberto: grosserias, pornografismos, transpolinices, que a «Patria» publique são da responsabilidade quando não da autoria do sr. dr. Chaves.

Mas cuidado, para que depois quando apanho para tabaco, não tenha de dizer a sério *«quem diz o que quer, ouve o que não quer»*.

Noticiario

Pelo Furadouro

Vai a declinar já o mez; começam a entrar comnosco as saudades.

Festas que nos encantaram, momentos de alegria, de prazer intenso que nos fizeram pulsar mais vivamente o coração, pedaços da nossa vida a que um sorriso nos ligou a alma,—como tudo isto agrada já relembrar!

Recordar é reviver; por isso o espirito se compraz com o reavivar desta chama — chama de prazer, calor da alma — que por instantes nos aquecem.

Os dias de Setembro são sempre curtos para quem despreocupado se entrega á alegria das festas e diversões da beira-mar, aos prazeres das praias e das termas, sempre tão fugidios, tão fugazes como ilusões que por momentos nos povoaram o espirito.

E' um enovelar continuo de encantos que na nossa alma deixam, por vezes eternamente, o fumo de uma recordação a suavisar-nos o viver, ou a tristeza deliciosa de uma saudade a embalar-nos, como um perfume capitoso que por nós passou, mas ainda nos estonteia.

Entre nós esses dias passavam, regra geral, na simplicidade captivante e desprendida desta humildade tão caracteristica do Furadouro, apenas cortada, de longe a longe de uma nota mais viva que á praia imprimia o tom festivo de uma rapariguinha recatada e modesta que ao domingo se enfeita para orar a Deus.

Este ano, porêm, a modestia desapareceu, a praia resolveu-se a entrar na grande roda.

As festas multiplicam-se, os encantos recrudescem.

* * *

Conforme aqui noticiamos, realisou-se nos dias 17, 18 e 19 ultimos a «Festa do Mar» como vulgarmente é entre nós conhecida a romaria ao Senhor e Senhora da Piedade que nas duas capelinhas da praia se veneram.

Talvez com menor concorrencia de forasteiros que em outros anos, o que se explica perfeitamente pelo mau tempo das vesperas, ela foi no entanto bastante

animada, sendo para lamentar, pela pouca seriedade que isso revela, que se hajam incluido no programa numeros que não havia intenção nenhuma de fazer executar.

O mau tempo do fim de segunda-feira veio prejudicar em parte um dos numeros mais interessantes do programa, — o concerto pela Banda de Infantaria 24. Os outros numeros, excepção feita aos que a Comissão da festa nunca pensou em fazer realisar, foram todos executados com regularidade e agrado.

Tres dias de esturdia e animação a que não faltaram (podiam lá faltar?!) os estouros ensurdecedores dos morteiros que, fazendo-nos estremecer dos bicos dos pés ao cocuruto da cabeça, anunciavam a muitos quilometros em redor que estavamos todos... fóra da normal.

* * *

Promovido por uma comissão de rapazes socios da Assembleia, com a gentil e valiosa coadjuvação de algumas damas, efectuou-se na tarde de sabado penultimo, dia 17 do corrente, no salão daquela casa de diversões um «*tea dancing*», que é como quem diz um «chá dançante», o qual resultou numa das mais interessantes festas a que temos assistido.

A' volta de mezas postas com todo o esmero, pequenos grupos de rapazes e senhoras riam, conversavam, tomavam chá, comiam bôlos, pão de ló, etc., tudo entremeado de espaço a espaço por valsas, one-steps, e outras danças a que o piano ia convidando.

A pouco e pouco toda aquela gente cheia de vida e de alegria, vida e alegria proprias da sua mocidade e da atmosfera de encanto que ali dentro se respirava, se vai animando, e a breve espaço as gargalhadas esfuziam pelo salão, risos cristalinos cantam a todos os ouvidos a canção do prazer e por toda a sala, envolta no perfume daqueles esbeltos corpos femininos, estuantes de alegria, admiraveis de gracilidade, e no aroma capitoso do chá finissimo, rodopiam ou deslisam, subtis ou languidos, os pares que dançam, entoando, num côro cheio de harmonia, a propria musica que os faz bailar.

As horas desaparecem; a noite cai pelo salão; acendem-se as luzes; e a animação continua assim pela noite dentro como se um poder oculto imprimisse a toda aquela gente uma energia invencivel, incapaz do menor desfalecimento.

De entre a assistencia vem-nos á memoria agora que de fugida traçamos estas linhas os nomes seguintes:

José de Castro Côrte-Real (Fejô), Antonio Valente de Araujo, Alvaro Valente de Araujo, Elisio Marques Mano Amorim de Lemos, Elias Bénard Guedes, F. Machado Pinto, Manuel Vaz Nunes da Silva, D. Angelina Pinto Vaz Nunes da Silva, Frederico de Quadros Abragão, Conde e Condessa de Fijô, D. Ana de S. José Soares d'Albergaria Mascarenhas, D. Maria de S. José Soares d'Albergaria Côrte-Real (Fijô), D. Maria Margarida Pereira Zagalo, D. Maria José Pereira Zagalo, D. Mafalda Ermelinda de Castro, D. Maria Joaquina de Aguiar, Francisco Coentro, D. Maria Adelaide da Silva Peixoto Coentro, D. Lidia Bénard Guedes, D. Elisa Guedes Bénard, D. Maria Bénard Guedes, D. Maria Julia Bénard Guedes, Afonso de Quadros Abragão, D. Maria José Nogueira, D. Fernanda Nogueira, D. Maria Marques Brandão, Augusto Chaves, Manuel Coimbra Junior, D. Clotilde Bénard Sobreira, Antonio Sobreira, João Fernandes de Andrade Paes e esposa, Manuel Vieira, Antonio Bonifacio, D. Eduarda Sobreira, D. Maria Benedita Vaz N. da Silva, Afonso da Silva Bonifacio, Antonio Arala Pinto, D. Maria da Luz Sobreira, D. Carolina Antero, Carlos Ferreira Fortes, Antonio Pinho, Alfredo Pinho, Francisco A. Marques da Silva, D. Guiomar Marques, José Valente de Araujo, Ambrosio A. Boturão, D. Rosa Franco Pinheiro Gaioso, D. Ema F. P. Gaioso, D. Gumercinda F. P. Gaioso, D. Arlete F. P. Gaioso Lopes, Guilherme Lopes, Manuel Coentro, dr. Alvaro Valente d'Almeida, D. Otilia Coimbra Valente, D. Beatriz Coimbra Quatorze, D. Alice C. Quatorze, D. Amalia C. Quatorze, D. Elvira C. Quatorze, D. Judith Coentro, Francisco Valente de Araujo, dr. Antonio Lopes Rodrigues, etc.

* * *

Uma outra festa igualmente encantadora, esta, porém, com um caracter diverso, festa de caridade, promovida em beneficio dos pobres do Furadouro, embora o fim fosse depois desvirtuado por insinuação de vontades estranhas ás que promoveram a festa, foi a «festa da flôr» levada a efeito pelas senhoras da praia no domingo ultimo — 18.

A gracilidade daqueles corpos femininos pedindo para os pobres uma esmola em troca de sorrisos e flôres, os gestos tão doces, tão captivantes das suas mãos delicadas semeando flôres por casacos e blusas, aqui na nossa beira-mar, sob as caricias do sol e os afagos da brisa que nos colos de alabastro deixavam impressos os seus beijos cálidos, far-nos-hão recordar eternamente aquele dia formoso em que a mão da caridade lançou pela praia a perfumar a terra e a perfumar os homens um *bouquet* de rosas semeando pétalas.

Por todos fôram as senhoras bem acolhidas, rendendo o produto da sua romagem de caridade a bela quantia de 1.500$00 escudos pouco mais ou menos.

* * *

Um dos numeros do programa da «Festa do Mar» era um desafio de *foot-ball*; realisou-se este pelas 17 horas do domingo, dia 18, tendo os nossos rapazes como adversario um grupo mixto do «Gremio Prosperidade do Candal».

O jogo foi por vezes bastante monotono na primeira parte, durante a qual os nossos jogadores pouco fizeram, mantendo-se numa apatia justificavel pela perca quasi completa da noite anterior, e pela impetuosidade das primeiras avançadas do adversario.

Fôram, porem, recobrando energia pouco a pouco, sobretudo na segunda parte, durante a qual os nossos dominaram quasi por completo.

Terminou o desafio com a victoria dos nossos por 5 bolas contra 4.

Dos jogadores vareiros poderemos citar algumas boas defesas do guarda rede, a oportunidade e energia do *back* E. Sousa, e o bom trabalho de J. Neto e J. Bonifacio.

Dos nossos visitantes bastará dizer que são talvez os mais fortes adversarios que temos tido este mez.

* * *

Diversos passeios teem realisado pela ria as familias que aqui se encontram, tendo visitado a Torreira, Aveiro, S. Jacinto, e Barra.

* * *

Na quinta-feira passada — dia 22 — pelas 5 horas da tarde, teve lugar no salão da Assembleia uma festa a que pomposa e erradamente puzeram o titulo de «Sarau de Arte», embora de manifestações artisticas muito pouco ouvissemos.

Musica e recitações formavam o programa; já nos parece força de vontade querer englobar sob a designação generica de arte o recitar, mas emfim...

De toda a parte musical, na qual figuravam trechos de Mendelssohn, Bach, Beethovem, etc., parecem-nos dignas de destaque simplesmente as execuções de D. Maria Amelia Dias Simões e D. Lidia Bénard Guedes, dois verdadeiros temperamentos de artistas. A «suite em ré» de Back a que o violino da ultima daquelas senhoras soube imprimir toda a expressão sentimental, toda a religiosidade, é simplesmente maravilhosa; foi para nós o melhor numero de todo o programa e por si só bastou para nos compensar de... muita outra coisa que por lá ouvimos.

D. Amelia Dias Simões, quer em Mendelssohn, quer em Beethoven, foi a interprete conscienciosa e habil que já conheciamos.

Muito bem executada nos pareceu tambem a «Canção do Mondego» de Rei Colaço por D. Maria Julia Bénard Guedes cuja intuição musical, de resto, já conheciamos por tradição e pelo que nos foi dado apreciar todas as vezes que ao piano acompanhara sua irmã.

No canto revelou-se-nos uma vez mais em tudo a sua cultura artistica D. Lidia Bénard.

Voz debil, ela é no entanto finamente modelada e a todas as canções imprime um sentimento muito apreciável.

Verdadeiro espirito de artista, ela foi, desculpem-nos as de mais, a estrela da festa.

Por ela e pela D. Amelia Dias Simões perdoamos aos organisadores do programa a pretenção de aquela festa chamarem... um sarau de arte.

* * *

Projectara se para hontem, sabado, de tarde, um chá á beira-mar oferecido por um grupo de gentis damas a alguns rapazes da colonia balnear. Nada mais por emquanto podemos acrescentar á hora a que escrevemos.

Operação

No passado dia 12 deste mez sujeitou-se á operação de ulcera de estomago, na casa do sr. dr. Nunes da Silva, desta vila, o reverendo Agostinho Pereira da Silva Gomes, de S. Martinho da Gandara. Foi operador o eximio cirurgião sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelos srs. drs. Nunes da Silva, Pereira do Amaral e Alvaro Valente.

O operado acha-se em via de completa cura, o que estimamos.

Retirada

Para as Caldas de Vizela, a fazer o seu costumado tratamento, partiu ha dias o nosso presado assinante sr. Apolinario da Silva Lopes.

Bom aproveitamento é o que lhe apetecemos.

ANUNCIOS

COLEGIO OVARENSE

OVAR

Reabre no proximo dia 8 de Outubro. Admite alunos internos, semi-internos e externos. Tratamento de primeira ordem. Trabalho e disciplina para haver aproveitamento.

Seu resultado no ano findo foram: **35 aprovações e 52 passagens** de classe. O movimento escolar foi de 120 alunos.

Pedir prospectos á **Direcção.**

CASA

Vende-se uma, terrea, na rua da Olaria, com servidão para esta rua e para a rua Alexandre Herculano, com quintal, poço e mais pertenças.

Falar com Augusto de Oliveira Dias.

Vende-se

Uma morada de casas na rua Alexandre Herculano n.º 124.

Para vêr e tratar na mesma com João Ferreira Lamarão.

"Ovarina"

Fabrica de Moagem e Descasque

A VAPOR

NUNES & C.ª, L.da

OVAR

Acaba de receber grande quantidade de milho colonial que vende a preço ::: convidativo :::

Peixoto, Sucessores, L.DA

Comissões e Consignações—Conta Propria

FAZENDAS - MERCEARIA - AZEITES - FERRAGENS - TINTAS
MOBILIAS - TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS - ETC.

Telegramas: PEIXOTO SUCESSORES—OVAR

OVAR — 66, Rua Elias Garcia, 70

Banco Nacional Ultramarino

AGENCIA EM OVAR

DESCONTOS DE LETRAS.—SAQUES.—VENDA E COMPRA DE PAPEIS DE CREDITO.
PAGAMENTO DE MENSALIDADES.—CONTAS CORRENTES

DEPOSITOS Á ORDEM: Até cincoenta contos — Juro de 4 °|₀ ao ano.—DEPOSITOS A PRAZO: 6 °|₀ ao ano.

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

VAGO

VAGO

VAGO

VAGO